

## ATUAIS POLÍTICAS DE CULTURA — E A LITERATURA?

Vanise Albuquerque Santos<sup>1</sup>

*Resumo:* Trata-se de uma abordagem reflexiva sobre a possível relação entre o ofício literário e atuais políticas públicas culturais. Nesse sentido, serão discutidos os resultados obtidos no projeto de Mestrado intitulado *Literatura e políticas públicas em Alagoinhas/BA* que investigou os modos de produção/circulação da literatura no município, assim como o posicionamento político-cultural dos escritores frente ao Estado baiano. Esta abordagem está pautada na análise de resultados obtidos junto ao grupo focal e seus modos de produção. Como resultados, além da constatação da existência de um rico acervo de escritores que não cessam em produzir tornou-se visível a construção de um possível roteiro rizomático capaz de ativar uma máquina de guerra contra certa concepção hegemônica e excludente de fazer cultura. *Palavras-Chave:* Literatura. Cultura. Participação cidadã. Cultura literária.

## CURRENT POLITICAL CULTURE — AND LITERTURE?

*Abstract:* it is a reflexive approach on the possible relationship between the literary craft and current public cultural politics. In this sense, they will discuss the results of the master's project titled Literature and public policy in Alagoinhas / BA that investigated modes of production / circulation of literature in the city, as well as the political and cultural positioning of writers across the Bahia State. This approach is guided by the analysis of results obtained from the focus group and their modes of production. As a re-

---

<sup>1</sup> Mestra em Crítica cultural – Pós-Crítica, Universidade do Estado da Bahia Campus II, Linha Margens da Literatura sob orientação da Profa Dra. Jailma dos Santos Pedreira Moreira – Alagoinhas/BA. Endereço eletrônico: vanise\_albuquerque@yahoo.com.br.

sult, beyond the finding of a rich collection of writers who never cease to produce it became visible the construction of a possible rhizomatic script able to activate a war machine against certain hegemonic and exclusive design make culture.

*Keywords:* literature. Culture. Citizen participation. Literary culture.

## Introdução

Na contemporaneidade, em tempos de capitalismo tardio, a literatura assim como as demais expressividades culturais, tem papel fundamental para problematização da cultura e sua intrínseca relação com os modos de vida. Com a recente construção do PNC (Plano Nacional de Cultura) no país e percebendo a importância deste momento também para o campo literário, sobretudo no que diz respeito ao modo como é concebido o ofício do escritor (a), consideramos relevante visualizarmos até que ponto há (ou não) um movimento de fortalecimento da cultura literária, já que a atual política cultural traz como bases estruturais as dimensões simbólica, econômica e cidadã da cultura.

Nesse sentido e considerando o espaço local como lugar, por excelência, de intensas trocas e transformações socioculturais, optamos por desenvolver o projeto de pesquisa intitulado *Literatura e políticas públicas em Alagoinhas: outros modos de produção cultural*, entre os anos de 2010 e 2012. Tal projeto traz como foco a investigação dos modos de produção/circulação da literatura no município, bem como o posicionamento político-cultural dos escritores (as) frente ao Estado, num momento de institucionalização da malha cultural no país. Uma temática que se mostra muito pertinente, visto que possibilita a visibilidade e potencialização deste segmento artístico no município, além de contribuir para a efetiva democratização cultural e fortalecimento da literatura local.

Para tanto, alguns questionamentos importantes perpassam este estudo, a saber: se a cultura vem se tornando um dos segmentos mais dinâmicos e estruturantes das economias na sociedade moderna, como se dá a produção literária em Alagoinhas num contexto de políticas públicas culturais? Em que circunstâncias escritores (as) produzem e como estes exercem a sua participação cidadã no espaço público?

Ao adentrarmos nestas questões nos respaldamos no conceito de políticas públicas apresentado por Rubim (2008), assim como em discussões que perpassam por reflexões que apontam a potência contida no texto literário enquanto linguagem artística para questionar a própria cultura e seus possíveis movimentos subjetivos. Nesse viés propomos pensar a organização das artes e suas implicações nos modos de vida dos sujeitos envolvidos num mundo cada dia mais globalizado.

Para investigarmos esta temática com o devido cuidado que a mesma requer, adotamos como caminho metodológico a pesquisa qualitativa, desdobrando-se em um conjunto de técnicas que vão do estudo teórico de autores (as) que tematizam cultura, literatura e políticas públicas culturais a pesquisas virtuais, pesquisas em projetos de IC (Iniciação Científica), realização de visitas à Associação de escritores de Alagoinhas — Casa do Poeta (Caspal) e Academia de Letras e Artes de Alagoinhas (Alada), realização de entrevistas com escritores e gestores culturais, participação em reuniões e eventos ligados à literatura local, participação em conferências, Fóruns e colóquios de cultura.

É interessante ressaltar também que o parâmetro utilizado para pesquisarmos a produção literária em Alagoinhas, levou em consideração as produções literárias lançadas por escritores (as) que residiram, residem ou desenvolvem alguma atividade no município por um período mínimo de cinco anos — a contar retroativamente à data em que iniciamos a

execução deste projeto — e que neste período tais escritores (as) tenham lançado seus livros.

Neste estudo investigativo, trazemos como ponto relevante a eclosão do Movimento Literatura Urgente (MLU) em 2004 no país, quando um grupo de escritores (as) com representatividade dos diversos Estados brasileiros elaboram o manifesto reivindicatório denominado *Temos fome de literatura*, pontuando a necessidade de políticas consistentes para o campo literário, sinalizando, assim, a escassez de discussões em torno de políticas públicas para a literatura e toda uma produção que se dá à margem de um mercado editorial hegemônico.

Conforme descrevem os escritores neste documento, os problemas envolvendo a literatura em nosso país vão das condições precárias em que se dão as diversas produções, às questões que denotam não só a “fome” de livros que o país possui, mas a situação de fome de políticas de fomento à criação literária enfrentada pelos escritores (as). Nesse sentido, a reivindicação do grupo se torna incisiva quando aponta para a negligência relegada ao trabalho do artista que se encontra à margem num momento de discussão e articulação de políticas para o livro, a leitura e as bibliotecas.

No decorrer de dois anos de intenso trabalho de pesquisa — e sem pretensões de esgotá-lo, mas de ampliá-lo —, pudemos levantar reflexões que, se por um lado confirmam o que Rubim (2008) em sua análise culturalística já comprovava — quando elege três palavras que traduzem o itinerário das políticas culturais no Brasil: ausência, autoritarismo e instabilidade —, por outro, permite-nos visualizar indicadores culturais que demonstram que a construção de uma cultura literária ativa é possível e urgente, demandando para isso a emergência de um novo comportamento ou cultura política nova à qual se refere a filósofa Marilena Chauí:

O que é uma relação nova com a cultura, na qual a consideramos como processo de criação? É entendê-

la como trabalho. Trata-la como trabalho da inteligência, da sensibilidade, da imaginação, da reflexão, da experiência e do debate e trabalho no interior do tempo é pensá-la como instituição social, portanto, determinada pelas condições materiais e históricas de sua realização (CHAUÍ, 2007. p. 41).

Para a autora a concepção de cidadania deve ser entendida a partir do exercício de uma cultura política que possibilite a tomada de consciência do cidadão e sua interferência no espaço público fazendo valer seus direitos frente a um Estado que também é um produto cultural.

Nesta dimensão mais ampla e reconhecendo a efervescência atual em que se encontra o capitalismo tardio, o entendimento das questões levantadas por Chauí (2007) e pelo grupo de escritores (as) do MLU é fundamental para que possivelmente estejamos reelaborando significados, abrindo outras formas de viver e sobreviver.

### **Demandas literárias em Alagoinhas**

Em Alagoinhas — cidade-pólo que integra o território dezoito de identidade — foi possível constatar que há uma significativa e crescente produção literária que resiste ao longo dos anos. Inicialmente, quando buscamos conhecer e mapear essa produção, seus modos de sobrevivência e circulação, percebemos que a sua vasta e intensa atividade já vem de muitos anos. Porém, não foi difícil comprovar as formas de silenciamento à qual vem sendo submetida no espaço público local. A ausência de exemplares dessas obras nas livrarias do comércio e na biblioteca pública municipal é “facilmente” comprovada. Nessa biblioteca existem escassos exemplares da autora que dá nome à instituição: “Maria Feijó”; são livros que ficam em espaço restrito e estão em avançado estado de envelhecimento.

Para entrarmos em contato com a produção literária local e investigarmos as atuais condições de sua resistência,

recorremos a diversas fontes de informação no município. Dentre estas fontes estão, as instituições culturais voltadas para este segmento artístico, a fortuna contida em pesquisas de projetos de Iniciação Científica desenvolvidos pela Universidade do Estado da Bahia e que contemplam essa produção, a Secretaria de Cultura, participação constante em eventos locais e estaduais como colóquios, conferências, concursos de poesia, Fóruns, palestras, de reuniões e lançamentos de livros.

O contato com alguns escritores e personalidades locais que lutam pela afirmação da cultura, como a prof<sup>a</sup> Iraci Gama Santa Luzia, foram parcerias que também nos conduziram não só a manter maior entrosamento com esta produção, mas a fazermos o levantamento bibliográfico e investirmos as estratégias de sua manutenção.

Catalogamos, neste período, 128 títulos, de 41 escritores (as) “quase invisíveis”, publicados desde a década de oitenta, quatro coletâneas, uma considerável quantidade de folhetos de cordel, um livro com letras de rappers de Alagoínas e documentos de correspondências trocadas entre os escritores — podemos flagrar na fulguração desse rico acervo profusões de imagens e desdobramentos múltiplos que emergem dos seus textos, revelando ao leitor traços culturais particulares. Tudo isso vem sendo produzido de forma material precária, devido ao modo como tais escritores (as) produzem, sem apoio sistemático e investindo dinheiro próprio, muitas vezes sem obter retorno do capital investido.

Como possível alternativa de fazer circular suas obras, alguns possuem páginas virtuais e comercializam como podem, vendendo com a ajuda de amigos e familiares, bem como através da participação em eventos promovidos por programas das Universidades, divulgação em rádios locais, jornais e revistas.

Não raro encontramos também alguns destes artistas em transe, movimentando-se pelos diversos espaços da cidade | Políticas Culturais e Crítica Cultural

dade e exercendo as mais variadas atividades no mercado de trabalho capitalista para sobreviverem. Alguns divulgando e comercializando a preço de custo, outros ainda absorvidos pelo próprio Estado, produzindo e vendendo sua força de trabalho para enaltecer feitos de gestões político-partidárias.

Dentre os equipamentos culturais do município, podemos destacar além de uma Secretaria de Cultura e Centro de Cultura, instituições ligadas à literatura como bibliotecas (pública municipal, escolares e comunitárias), Fundação Iraci Gama de Cultura (FIGAM), escolas, universidades, associações de artistas como a Casa do Poeta (CASPAL) — que inclusive é a única associação literária existente no Território — e a Academia de Letras e Artes de Alagoinhas (ALADA), que atualmente encontra-se desativada. Verificamos que problemas de gerenciamento de espaço e dispersão dos membros dessas associações são fortes indicadores que agravam as dificuldades de seu funcionamento. Atualmente não há nenhum registro de projeto elaborado coletivamente pelos membros da Caspal para concorrer aos editais lançados pelo Estado.

Outra iniciativa mapeada diz respeito a revistas e jornais independentes que circulam no município e oportunizam a divulgação da produção literária local, a exemplo do Jornal Expresso 18, Jornal e revista da ACIA (Associação Comercial e Industrial de Alagoinhas) e rádios locais, eventos promovidos pela universidade que oportunizam o fortalecimento da cultura literária.

Apesar de todo este equipamento cultural, são visíveis alguns sérios e preocupantes entraves neste campo, como: a ausência de políticas estruturantes via Secretaria de cultura municipal que contemple e potencialize este segmento artístico — este setor no município apresenta problemas em sua própria estrutura interna —, dificuldade dos escritores em encontrar editoras no Estado para lançar seus livros, dificuldade dos escritores em participar dos editais lançados pelo

Estado, problemas estruturais de funcionamento da Caspal e Alada — dado o estado de precariedade em que se encontram —, ausência de ações de incentivo à criação literária para além da política de editais, ausência de grande número de exemplares da literatura local em bibliotecas e livrarias locais, dificuldades de financiamento do poder público e iniciativa privada para publicação.

Em se tratando de gestão cultural, alguns problemas institucionais provenientes ainda das marcas de uma herança antidemocrática podem ser facilmente flagrados. São problemas, que além de gerarem obstáculos, dificultam o processo de descentralização a que se propõe a política pública vigente. Este fato comumente “aparece” nos rastros deixados e percebidos nos discursos e nas ações que nos propomos investigar.

A esse respeito, é interessante ressaltarmos a importante reflexão trazida por Teixeira Coelho (2008) em seu estudo sobre as atuais políticas culturais. O referido autor, recorrendo ao texto do antropólogo francês Pierre Clastres, nos lembra da pertinência em percebermos o obstáculo epistemológico mais difícil de enfrentar na busca de um entendimento contemporâneo entre o Estado e a sociedade:

Fenômenos como os da globalização e do mercado, agora habitualmente apresentados como os principais opositores à felicidade das pessoas, são na verdade obstáculos exteriores, de força menor àquela que detém um certo obstáculo interior, o obstáculo cimentado no pensamento e no comportamento de cada um, a ideologia mais incorporada que se pode imaginar, aquela que arma esse obstáculo epistemológico (COELHO, 2008, p.70).

Esta questão põe em evidência um dos aspectos relevantes — senão o principal — deste estudo, para o qual nos empenhamos, ao tempo que entendemos que já está mais do que na hora de problematizarmos e verificarmos, num

momento em que há a convocação da sociedade civil para em consonância com o Estado construir estas políticas, como está se dando este obstáculo epistemológico em uma sociedade em constante processo de (re) avaliação de si num cenário de intensas trocas culturais e possibilidades de florescimento dos direitos de um sujeito plural.

Verificando essa trajetória, é pertinente refletirmos: que subjetividade estaria emergindo no interior deste sistema capitalístico aos quais estão submetidos os profissionais da palavra, em tempos de política pública cultural? Qual seria o perigo em potencializar estas escritas locais como um produto cultural a ser consumido e valorizado?

Neste cenário, o fato de pertencermos a um país que apresenta uma imensa proporção na produção cultural literária, percebendo as suas diferenças nesta cadeia de produção, bem como a heterogeneidade, as múltiplas identidades, realidades e aspirações socioculturais de grupos minoritários que se mantêm ativos expressando seu desejo de existir, se faz necessário, (re) pensarmos e (re) avaliarmos como está se dando o processo de democratização e acesso à literatura atualmente no país, com suas representatividades, tomando como ponto crucial o desdobramento dessas discussões no espaço local.

Nesse sentido, é importante não esquecermos de que vivenciamos um segundo movimento de “agitação”<sup>2</sup> no que

---

<sup>2</sup> A esse respeito refiro-me à dinâmica de realização das conferências de cultura – municipais, territoriais, estaduais e setoriais – que acontecem na Bahia desde 2006. A primeira, com a gestão do Secretário de Cultura Márcio Meirelles; nesse período, houve um movimento de mobilização dos diversos segmentos artísticos nos municípios baianos para discussão, planejamento e elaboração de 26 Planos de Desenvolvimento Territorial e do Plano Estadual de Cultura. Os encontros tinham como tema “Cultura é o quê?”, a fim de trazer ao debate a cultura numa compreensão abrangente do termo, para daí construir um plano de trabalho com propostas e prioridades para o Estado. Salientando que através dessas mobilizações houve também o

diz respeito ao processo de convocação dos segmentos culturais, sociedade civil e possíveis interessados em discutir cultura, para a realização das conferências que subsidiarão a construção dos planos decenais e conseqüentemente, construção das diretrizes do Sistema Nacional de Cultura. Desse modo, é interessante refletirmos sobre os possíveis indicadores e avanços neste terreno. Em que medida realmente existem e para quem existem, sobretudo no campo literário, para o qual vem se debruçando este estudo.

Qual o (não) lugar que a literatura vem garantindo, conquistando, no atual cenário político-cultural, já que existe a proposta de diálogo e interlocução entre instâncias governamentais e sociedade civil — entes federados.

É pertinente retratarmos aqui, especificamente em literatura, como estes artistas “margeados”, seus movimentos subjetivos aliados a suas práticas cotidianas, podem formar um ponto de articulação política em que possíveis alternativas literárias sejam geradas, produzindo sentidos que vão sendo (re) construídos.

Para além das diferenças que flagramos entre o coletivo de escritores e o poder público local nos diversos momentos da pesquisa, o desejo de que haja a quebra de certa continuidade de determinadas linhas de orientação de alguns gestores culturais é evidente. Neste caso, percebemos que uma boa parcela de escritores (as) anseia por inovações no campo da literatura e do livro e acreditam que as políticas

---

apoio à aprovação da PEC 150, que estabelece a destinação dos percentuais mínimos de 2%, 1,5% e 1% dos orçamentos federal, estadual e municipal para a cultura. No momento em que realizamos esta pesquisa o Estado vivenciou um segundo movimento de realização dessas conferências, agora com a gestão do secretário de Cultura da Bahia Antônio Canelas Rubim. As conferências seguiram a mesma formatação da primeira, no entanto, estas trazem como tema “Planejar é preciso – consolidação dos planos de cultura”, objetivando discutir métodos de trabalho, modelagens, para transformar o plano em programas e ações em todo o Estado.

públicas culturais podem gerar também um possível caminho para alcançá-las. Isto se torna visível quando este coletivo aposta numa dinamização da produção, vislumbrando uma política de circulação e democratização do acesso não só das obras da literatura nacionalmente reconhecidas como também de escritores ditos “marginais”.

Contemporaneamente, vemos que o desenvolvimento de uma cultura — e aqui me refiro especialmente à literária — que se percebe também em constante processo de reflexão, do seu potencial criativo, dentro de uma cadeia global, pode questionar a manifestação dessa também conhecida “alta cultura” no cotidiano, considerando os seus contornos políticos. Sendo assim, é oportuno perguntarmos: como pensar globalmente e agir localmente para que a cultura da cidadania referida por Chauí (2007) garanta o pleno exercício da democracia em literatura?

É importante percebermos, assim, que as implicações culturais inerentes ao processo literário vão muito além do que se pode imaginar. A literatura, assim como as demais artes, se desenvolve em universos semióticos que não são separados, ou seja, a sua produção expressa, mesmo que sem perceber, modos de representação da subjetividade. Nessa perspectiva, acrescentamos aqui a percepção do artista/escritor e seu caráter eminentemente político — em que pese a importância da sua produção — no atual cenário cultural em que vivemos.

Para tanto, é válido ressaltarmos as relações de força que circundam o fazer literário, bem como o discurso que atravessa a “imagem” do escritor (a), esta figura “central” e sujeito atuante que se encontra envolvido num contexto de cultura do dinheiro, mercado, mercadoria, bens simbólicos e indústria cultural que tentamos descrever e que influenciam também nas suas modelizações subjetivas, refletindo no seu fazer cotidiano. Este vem a ser um terreno fecundo já que

este tipo de modelização está disseminada por toda a malha social — e Alagoinhas não escapa a essa realidade.

No contexto atual, esse artista da palavra é “convidado” a interferir e opinar nas decisões para o campo literário e são “deslocados” do seu “lugar” de escritor para reivindicar seu espaço de cidadão de direitos, próximos e com o espectador. Sobre este aspecto é conveniente lembrarmos as importantes contribuições do Walter Benjamin (1994) quando este nos revela o processo de construção do conceito de aura e seus prováveis impactos sobre o papel do artista e difusão da obra de arte.

Quando nos empenhamos em conhecer a realidade literária do município de Alagoinhas e suas demandas cotidianas, pudemos acompanhar de perto e entender intensamente a crítica que Benjamin faz quando mapeia o processo de construção do conceito de aura e suas implicações na cadeia produtiva literária.

Durante a etapa de realização da conferência municipal de cultura de Alagoinhas, realizada na Câmara de vereadores em setembro de 2011, houve uma considerável participação de artistas locais, dentre eles aqueles ligados ao segmento literário que se preocupam com a construção de políticas culturais consistentes nos diversos eixos temáticos, apesar do pouco tempo que tiveram para discussão, elaboração e escuta — apontado pelo público presente.

Para coordenarem os eixos de discussão e posterior retirada de proposições nesta conferência municipal, a Secretaria de Cultura contou com a parceria também da Uneb-Campus II, alunos e professores do Mestrado em Crítica Cultural colaboraram voluntariamente conduzindo as discussões por eixo temático<sup>3</sup>.

---

<sup>3</sup> As Conferências apresentaram os seguintes eixos temáticos: Expressões artísticas, Patrimônio e memória, Pensamento e Leitura, 26 | Políticas Culturais e Crítica Cultural

A qualidade do debate nos grupos oportunizou a sugestão de propostas coerentes com a realidade cultural do município, apesar do pouco tempo para serem elaboradas. No entanto, foi na plenária final que o encontro das propostas apresentou e revelou dados sintomáticos, principalmente no que se referia à redistribuição do orçamento do município para o setor e à descentralização da gestão cultural.

No eixo Pensamento e leitura — dividido em três sub-eixos: Bibliotecas, Livro e leitura, Pesquisadores e estudiosos da cultura —, a instituição Caspal se fez presente com a participação da presidente da Casa e de alguns escritores (as) do município. O referido eixo temático foi contemplado com a coordenação da escritora local Cristiana Alves. Neste eixo, a fluidez das discussões — que contou também com a participação de bibliotecário local e pesquisadores da leitura e literatura —, contribuiu para que fossem ampliadas as perspectivas para o campo literário no município de forma interligada.

Nesse encontro, foram articuladas e planejadas conjuntamente, proposições que obedeceram a certa estrutura burocrática solicitada por formulário previamente elaborado pelo governo do Estado e enviado ao município, contendo os seguintes campos: Ação (o quê), objetivo (para quê), local (onde), metodologia, público-alvo, parceiros e orçamento. Abaixo transcrevemos as proposições reivindicadas no eixo Pensamento e leitura:

Desenvolver projetos que absorvam e trabalhem as diversas produções literárias locais. Criar o PMLL (Plano Municipal do Livro e da Leitura) contemplando também a produção literária local. Criar uma política de desenvolvimento, ampliação e renovação de acervos. Garantir o poder de produção cultural e científica, divulgando a preservação dos bens culturais locais, fortalecendo a economia e incentivando o

desenvolvimento sustentável. Promover concursos literários. Estimular, apoiar e contribuir para a produção de escritores locais. Aproximar a leitura e literatura local dos estudantes.

Nesse sentido, as proposições trazem como público-alvo escolas, faculdades, bibliotecas, a sociedade civil e o poder público. Como alternativas para a criação de possíveis caminhos que assegurem a realização destas proposições, o grupo acredita que a parceria com associações, corpo docente, bibliotecários, donos de gráfica, donos de livraria, donos de empresas privadas e instituições como a Caspal, Alada e Universidade no município são fundamentais.

Com vista nas ações planejadas e expostas, é notável como estas deixam transparecer o legado violento a que uma cultura literária que anos a fio se viu sufocada tenta restabelecer e na oportunidade reivindicar seu espaço na esfera pública municipal, apesar de alguns participantes externarem suas angústias quanto à credibilidade merecida desta.

É interessante ressaltar que nestas conferências podemos perceber em literatura como a ausência de políticas institucionais é ainda muito presente, mesmo num momento em que o Estado já se prepara para a realização da IV conferência estadual de cultura e possível efetivação do Sistema Nacional de Cultura.

## **Possíveis agenciamentos**

Diante da transversalidade de fatores inerentes à literatura local e a convergência de discussões provocadas pelos estudos em Crítica Cultural podemos afirmar que é notável a importância da superação de alguns problemas de ordem socioeconômica e sociocultural mais geral, apontadas também pelo manifesto do MLU em 2004, dentre as quais estão a centralidade de algumas políticas existentes para o livro no Estado direcionadas às escolas e bibliotecas públicas — via

Secretaria Estadual de Educação — que ainda não contemplam a literatura local e não reconhece o ofício do escritor (a) como um trabalho e a escassez de editoras habilitadas para atuar neste mercado no Estado.

Algumas iniciativas que existem, como os projetos de incentivo a leitura, os Pontos de Leitura do Governo Federal, o *Prolerdo* Governo Estadual da Bahia, o Programa Nacional para Biblioteca Escolar-(PNBE), o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), a construção de Plano Nacional do Livro e da Literatura, Programa do Livro Popular lançado no ano passado, dentre outras implementações, devido à própria dinâmica sociocultural aqui mencionada, aponta para a necessidade de revisão dessas políticas. Projetos intersetoriais também vem sendo realizados desde 2008 como as políticas culturais voltadas para a juventude estudantil baiana, o Tempo de Arte Literária (TAL), as Artes Visuais Estudantis (AVE) e o Festival Anual da Canção Estudantil (FACE), idealizados pelo Governo do Estado através da Secretaria Estadual de Educação (SEC).

Sem dúvida, percebendo a amplitude dos fatores implicados ao processo literário, alguns complicadores precisam ser visualizados, a saber: a superação de uma política editorial hegemônica que opera junto a uma indústria capitalística neoliberal, a dificuldade de alguns escritores em operarem junto à política pública cultural, a noção de que somente à escola cabe o papel de formação de leitores em potencial e a superação de determinada ideologia no que se refere ao modo como é concebido o ofício cultural do (a) escritor (a).

Diante desta recente proposição do Estado em instituir o Sistema Nacional de Cultura e, com isso, formular políticas públicas voltadas também para o campo da literatura e leitura, somando-se a isso a instituição de políticas de Estado que contemplam este segmento cultural, percebemos que apesar de algumas dificuldades dos escritores (as) e instituições em lidar com as recentes políticas públicas, notamos que a parti-

cipação e o interesse dos escritores e representantes de instituições culturais nos debates vem se dando — ainda que timidamente — de forma gradativa, sendo constante e recorrente a sua presença nos espaços de discussão e eventos promovidos inclusive pela Universidade.

Considerando a realidade até aqui exposta, podemos afirmar que há um movimento subjetivo latente de escritores (as) anônimos que desejam engendrar uma outra dinâmica ao seu ofício cultural. Surge, assim, através da identificação destes problemas a necessidade de refletirmos e repensarmos as políticas públicas culturais; que o empreendimento e discussão no campo da pesquisa literária abram possibilidades de operarmos localmente em diálogo com o global no sentido de nos mobilizarmos de fato e construirmos uma cultura literária que afirme a vida e solidifique as noções de cultura como bem simbólico, econômico e cidadão, se opondo à reprodução de práticas capitalistas hierarquizantes e violentas.

## Conclusão

É coerente afirmar que diante do contexto sociocultural que aqui é descrito — imerso na cultura do dinheiro, mercado, bens simbólicos, indústria cultural acrescida de seus interesses e fetiches —, a literatura assim como as demais artes entra como forte possibilidade na contemporaneidade para repensarmos e reelaborarmos outras formas de vida, numa perspectiva mais humana, em que pese os espaços sociais de subjetivação e sua luta pelo exercício dos direitos culturais.

Nesse sentido, um dos pontos relevantes diante da atual perspectiva de transformação cultural em sua multiplicidade, diz da figura do artista e seu caráter eminentemente político no cenário atual — perpassando pelas modelizações subjetivas e seus desdobramentos e fantasmas que transver-

salizam o ofício da escrita — quando vivenciamos um momento em que o artista é convidado a formular junto ao Estado diretrizes que subsidiam os planos decenais de cultura e consequentemente alicerçam o Sistema Nacional de Cultura.

No espaço-tempo desta pesquisa, percebemos que alguns equipamentos culturais se mostram imprescindíveis e valiosos no sentido de figurar junto com o coletivo cultural de escritores um possível movimento estético-político organizado em favor de uma arte literária aberta a outras experimentações, e nessa empreitada estabelecer múltiplas conexões, em tempos de institucionalização da malha cultural no país. Dentre estes equipamentos temos bibliotecas públicas e comunitárias da cidade/território/estado, associações de moradores nos bairros, Universidades públicas e particulares, agências de fomento à cultura, escolas, centros de cultura.

Se é possível afirmar que há um movimento subjetivo latente de escritores (as) anônimos que desejam uma outra dinâmica ao seu ofício cultural, surge daí a possibilidade de operarmos localmente em diálogo com o global no sentido de percebemos que apesar de haver certa abertura gerada pelos mecanismos de política pública com alguns ainda tímidos avanços no campo literário, a existência de problemas no funcionamento destas políticas apontam para a necessidade de sua revisão, já que na base do seu funcionamento notamos sérios entraves que vão da desarticulação provocada pelos interesses particulares de quem está gerindo a cultura no município, a problemas estruturais de funcionamento interno da própria Secult (Secretaria de Cultura do Estado).

Acredito que muito pode ser articulado principalmente quando partimos de reflexões, como nos mostra Singer (2008), em que é possível ativar um cenário alternativo sempre aberto a outras perspectivas, construindo, assim, outras narrativas em que a produção literária se transforme no signo enquanto forma de representação de uma realidade diferencial e libertária. No entanto, esta articulação não deve pres-

cindir de uma autocrítica do escritor/trabalhador e seu engajamento diante da realidade em que vivemos, a fim de solidificar a cultura como um bem simbólico, econômico e cidadão.

Sendo assim, a iminência do debate e abertura a que se propõe este estudo está aliada à construção de roteiros e redes alternativas que invistam contra um modelo hegemônico e excludente de fazer cultura, vislumbrando uma política de organização das artes e seu potencial criativo. Creio que atribuir e relegar todas as responsabilidades somente ao Estado seja um grande equívoco. São necessárias políticas que garantam além da valorização e democratização do acesso aos bens culturais, proporcione o eco de vozes historicamente recalcadas, numa perspectiva de acesso aos modos de produção e geração de renda.

## Referências

ACIA DIVULGA. *Revista dos Empresários de Alagoinhas*. v. n. 2. Setembro de 2010.

BARTHES, Roland. *Aula*. Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, 1988.

BENJAMIN, W. A obra de arte na era da sua reprodutibilidade técnica. In: *Magia e técnica, arte e política: Obras escolhidas I*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1985.

BRASÍLIA, Ministério da Cultura. *Diretrizes Gerais para o Plano Nacional de Cultura*. Brasília: 2007.

CALVINO, Ítalo. *As cidades invisíveis*. São Paulo: Cia das letras, 1990.

CEVASCO, Maria Elisa. *Dez Lições sobre Estudos Culturais*. São Paulo: Boitempo, 2003.

CHAUÍ, Marilena. *Cultura e democracia*. Secretaria de Cultura da Bahia, Salvador: 2007.

COELHO, Teixeira. *A cultura e seu contrário: cultura, arte e política pós-2001*. São Paulo: Iluminuras: Itaú Cultural, 2008.

CULLER, Jonathan. *Teoria Literária: uma introdução*. Trad. Sandra Vasconcelos. São Paulo: Beca Produções Culturais Ltda, 1999.

DELLEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Introdução: Rizoma. In: *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Trad. Aurélio Guerra e Célia Pinto Costa. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

DELEUZE, Gilles. GUATTARI, Félix. *Kafka: para uma literatura menor*. Trad. Rafael Coutinho. Lisboa: Assírio e Alvim, 2003.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do Discurso*. Aula inaugural no College de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

GIL, Gilberto. *Discursos do Ministro da Cultura Gilberto Gil*. Brasília: Ministério da Cultura, 2003.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. *Micropolítica: cartografias do desejo*. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

HOISEL, Evelina. *A leitura do texto artístico*. Salvador: EDUFBA, 1996.

JAMESON, Fredric. *A lógica cultural do capitalismo tardio*. São Paulo: Ática, 2004.

RUBIM, Antônio Canelas. *Políticas culturais do governo Lula/Gil: desafios e enfrentamentos*, Salvador: EDUFBA, 2008.

SARTRE, Jean-Paul. Marxismo e existencialismo. In: *Crítica da razão dialética: precedido por Questões de método*. Trad. Guilherme João de Freitas Teixeira. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

TEIXEIRA, Elenaldo Celso. *As dimensões da participação cidadã*. Caderno CRH. n.1 Salvador, Centro de Recursos Humanos, UFBA, 1997.

WILLIAMS, Raymond. *Cultura*. Trad. Lólio Lourenço de Oliveira. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

## Sites consultados

[http://www.salamalandro.redezero.\(Org.\)](http://www.salamalandro.redezero.(Org.)) acesso em 25 de agosto de 2011.

<http://www.vivaleitura.com.br/artigos> acesso em 07 de julho de 2011.

[Recebido: 15 abr. 2014- Aceito: 30 mai. 2014]